

O PAPEL DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO INICIAL DOS LICENCIANDOS DO CURSO DE LETRAS

Franciane Sousa Ladeira Aires¹
Andressa Barcellos Correia da Silva²
Andreia Rezende Garcia-Reis³

RESUMO

O Estágio Curricular Supervisionado, componente obrigatório na formação de professores em cursos de licenciatura, proporciona um elo entre o currículo acadêmico e o ambiente profissional de futuros docentes (Brasil, 2024). Essa inserção do estudante-estagiário no contexto da sala de aula amplia seu repertório formativo em busca de atividades práticas que sejam críticas, reflexivas, éticas e políticas. Sustentada no quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 2006; 2008; Machado, 2007), a pesquisa tem como objetivo refletir sobre o papel do estágio supervisionado na formação inicial de licenciandos do curso de Letras. Para tanto, organizou-se uma sessão formativa, gravada em áudio e transcrita, realizada com onze estudantes-estagiários matriculados na disciplina “Reflexões sobre a Atuação no Espaço Escolar II – Ensino de Língua Portuguesa e Estágio Supervisionado II”, do curso de Letras da UFJF, em que estes puderam conversar a partir de uma entrevista dialógica com alguns tópicos considerados relevantes para o estudo. A análise, iluminada pelo debate interpretativo (Bronckart, 2013) e pelas discussões sobre a formação inicial docente (Nóvoa, 2017), revela a importância do estágio para o desenvolvimento profissional, como um potencial formativo no curso de licenciatura, destacando a relevância, como também os desafios, das vivências na realidade escolar.

Palavras-chave: Curso de Licenciatura, Formação Inicial, Estágio Obrigatório, Sessão Formativa, Interacionismo Sociodiscursivo.

INTRODUÇÃO

Este artigo origina-se das atividades de Estágio Docência do curso de Doutorado em Educação da UFJF, em que as doutorandas acompanham o planejamento, a regência e as avaliações da professora formadora de professores na universidade. Especificamente na pesquisa a ser descrita neste artigo, as duas doutorandas co-autoras estiveram presentes numa turma de Reflexões sobre atuação no espaço escolar II, disciplina de 60h do curso de Letras que acompanha o Estágio Curricular Obrigatório II, ofertada ao último período do curso de Letras Integral, ao longo de todo o segundo semestre letivo de 2024. A investigação desenvolvida com os estudantes-estagiários estabelece interlocução com as demais pesquisas

¹ Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF - francianeladeira@hotmail.com

² Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF - andressabcsilva@outlook.com

³ Professora Formadora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF - andreiargarcia@gmail.com



empreendidas pelos doutorandos e por demais integrantes do Grupo de Pesquisa Interação, Sociedade e Educação (GISE/UFJF/CNPq), liderado pela co-autora deste texto, cujos temas principais são o trabalho e a formação docente, na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

Uma das linhas de investigação do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) tem sido o trabalho docente (Garcia-Reis, 2020; Garcia-Reis; Callian, 2021; Garcia-Reis; Silva; Costa, 2024), em que são utilizadas na análise as produções linguageiras (Bronckart, 2008; Machado, 2007) dos trabalhadores em atividade ou sobre sua atividade profissional, daqueles em formação e dos que já atuam como docentes em diferentes contextos educacionais. Este construto compreende a linguagem como determinante tanto nas relações estabelecidas entre os trabalhadores quanto no desenvolvimento profissional dessas pessoas.

Nesta pesquisa, cujo principal objetivo é o de refletir sobre o papel do estágio curricular supervisionado na formação inicial de licenciandos do curso de Letras, as autoras realizaram com os estudantes-estagiários uma sessão formativa, ao final da disciplina de Reflexões sobre atuação no espaço escolar II e conseqüentemente do cumprimento do Estágio II, em que refletiram juntos sobre a experiência do estágio. Para dar continuidade a este artigo, vamos tecer considerações sobre o estágio como um componente curricular obrigatório nos cursos de licenciatura, apresentar o percurso metodológico empreendido, a análise dos dados gerados e as considerações a que chegamos.

O ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO NOS CURSOS DE LICENCIATURA

O estágio em qualquer curso de formação inicial é considerado como um momento de grande relevância e até mesmo gerador de expectativas por parte dos estudantes. Isso porque é neste momento que o futuro profissional tem oportunidades de vivenciar a profissão em sua dimensão real e prática, em contato com profissionais já formados, mais experientes, e que atuam como co-formadores, supervisionando o trabalho, trocando experiências e desenvolvendo ações coletivas. Nas licenciaturas, essa realidade não é diferente. Embora muitas vezes o professor da escola básica e até mesmo o ambiente escolar não sejam compreendidos como co-formadores, acreditamos, assim como Nóvoa (2017), que os futuros professores precisam ser formados numa rede de instituições e de pessoas que se dispõem em atuar como formadores, em que os futuros profissionais sejam expostos à realidade da profissão, sobretudo na escola, refletindo e aprendendo a atuar neste espaço de trabalho.



Para fazer com que os licenciandos tenham experiências formativas em seu principal lócus futuro de atuação profissional, que é sobretudo a escola de educação básica, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial do Magistério (DCNs), e aqui fazemos menção aos Pareceres das Diretrizes e às próprias Diretrizes de 2015 e de 2024 (Resolução CNE/CP nº 2/2015 e Resolução CNE/CP nº 4/2024), instituem 400 horas obrigatórias para as atividades de estágio curricular obrigatório, desenvolvidas nas instituições de educação básica.

A partir de uma concepção de docência como ato intencional e metódico, cujo exercício laboral carece de formação reflexiva e contextualizada, que demanda uma série de conhecimentos, a saber: conhecimento pedagógico, conhecimento disciplinar, conhecimento pedagógico do conteúdo, conhecimento sobre o desenvolvimento humano, conhecimento sobre psicologia da aprendizagem, conhecimento sobre diversidade e inclusão, conhecimento sobre tecnologia educacional e conhecimento sobre educação para valores, a definição de estágio do Parecer CNE/CP 4/2024 e das DCNs de 2024 é a de que: “O estágio curricular supervisionado não é uma atividade laboral, é um dos componentes da formação do futuro profissional de magistério e, portanto, deve ser desenhado para assegurar que seja uma experiência de aprendizagem e socialização inicial na profissão.”

Embora com a exigência de que o estágio deva iniciar-se logo no início do curso de licenciatura, o que para nós gera algumas incompreensões dessa imatura inserção dos estudantes no campo de atuação profissional, o documento atual preconiza que inicialmente são privilegiadas atividades de observação para posterior atuação direta em sala de aula.

O reconhecimento da importância do estágio no cômputo da carga-horária mínima obrigatória para os cursos de licenciatura não desobriga os professores formadores (aqueles das universidades e aqueles das escolas de educação básica) e as instituições formadoras em proporcionar experiências formativas que verdadeiramente contribuam com a formação para o exercício da docência. Nesse sentido, estarmos atentos ao que ocorre no percurso de estágio e como os estudantes-estagiários compreendem esse percurso têm nos parecido relevante para o aperfeiçoamento de nossas práticas e o fortalecimento das dinâmicas de formação adotadas, algo que buscamos neste artigo e cujo processo de investigação descreveremos a seguir.

PERCURSO METODOLÓGICO

Na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), só podemos compreender o agir por meio da análise das produções linguageiras, pois as ações humanas são construídas



pelos práticas de linguagem, não sendo possível compreendê-las somente a partir de observações (Machado, 2007). Com base nisso, nesta pesquisa, a qual tem como objetivo refletir sobre o papel do estágio supervisionado na formação inicial de licenciandos do curso de Letras, analisamos as produções linguageiras de estudantes-estagiários realizadas numa sessão formativa em fevereiro de 2025.

A sessão formativa ocorreu na disciplina obrigatória do curso de Letras Reflexões sobre atuação no espaço escolar II, que acompanha o Estágio Curricular Obrigatório II, e contou com a presença das pesquisadoras deste texto e com onze estudantes-estagiários. Assim, pudemos conversar com os estudantes, a partir de algumas questões norteadoras, sobre a experiência do estágio, a vivência nas escolas e sobre formação docente. Eles respondiam livremente, trocando ideias com os colegas de turma e também trazendo outros temas para a discussão com base na experiência de cada um. Posteriormente, transcrevemos a sessão que foi gravada em áudio.

Para analisar e nos auxiliar na categorização dos dados linguageiros, utilizamos os segmentos de orientação temática (SOT), que são os “segmentos de introdução, de apresentação ou de início de um tema, segmentos produzidos sobretudo pelo entrevistador” (Bulea, 2010, p.90), mas que também podem “assumir formas diversas: reformulações, extensão ou complexidade do foco introduzido pela questão, particularização ou focalização sobre um aspecto considerado como pertinente, exemplificação” (Bulea, 2010, p.90), e os segmentos de tratamento temático (STT), os quais são os “segmentos produzidos sobretudo pelo entrevistado, em resposta a uma questão ou em seguida a uma retomada do entrevistador, ou, em nossa terminologia, em seguida a um SOT, segmentos em que o tema é efetivamente tratado” (Bulea, 2010, p.90).

A partir deste processo de análise, chegamos ao SOT “Estágio supervisionado e formação para a docência” e a três STTs: “Experiência compartilhada”, “Vivência na escola” e “Estágio como divisor de águas na trajetória profissional”. Na próxima seção, apresentamos o que os estudantes nos apontaram como relevante sobre o estágio supervisionado e a formação para a docência.

A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

Esta seção está organizada com três quadros elaborados pelas autoras deste estudo, em que são apresentados o SOT: Estágio supervisionado e formação para a docência, seguido dos STTs produzidos a partir dos dados gerados na sessão formativa. Para análise neste artigo,



elencamos alguns trechos da transcrição, na terceira coluna dos quadros, cuja fala dos estudantes está indicada entre parênteses no final (como Estudante-estagiário 1, 2, 3... entre os 11 estudantes-estagiários presentes).

Quadro 1: Experiência compartilhada

SOT	STT	Trechos da sessão formativa
Estágio supervisionado e formação para a docência	Experiência compartilhada	<p>“Nesse sentido, assim, é, foi bem fundamental na formação, porque antes eu tinha pavor de pensar em pisar dentro de uma sala de aula, mesmo sendo feitas disciplinas e tudo, né, que é a parte teórica e, ter, poder entrar na numa escola acompanhada de um professor que já tem mais experiência, que sabe conduzir a aula e que vai te aconselhar, é bem melhor. [...] É porque o frio na barriga que você sente quando você pega a sua primeira aula que você montou, vai lá na frente e tem vários alunos te olhando. Você tem que passar isso com um professor ali, tipo, vai” (Estudante-estagiária 6).</p> <p>“Essa questão de não só poder ter esse contato com, um... uma professora, um professor que vai com experiência, que você vai poder entender essas, esse funcionamento na sala de aula desse professor, dessa professora, mas também você poder, de certa maneira, interagir com os alunos e viver aquele dia a dia com a segurança de que alguma coisa que você não saiba lidar, que não dê certo nesse primeiro contato, né? Você tem o professor ali para te dar respaldo” (Estudante-estagiário 5).</p> <p>“aconteceu um problema no meu estágio junto com a Isabela, que a gente fez junto, né? E aí deu um problema no xerox, que não saiu o xerox dela direito. Ficou muito ruim, não dava para ler nada. E a aula dela? A aula dela tinha que usar aquela folha, porque tava o texto e as atividades, e os alunos não conseguiam ler o texto. E aí foi um desespero muito grande, porque ela tinha planejado aquela aula toda. E aí o Pedro, que foi o professor do estágio 1, ele teve que fazer o xerox na hora assim, pedindo na casa da gráfica que mandaram para ele, senão a aula dela ia ficar por Deus, porque ela precisava da, daquele texto, né?” (Estudante-estagiária 8).</p>

As resoluções de 2015 e 2024 (Resolução CNE/CP nº 2/2015 e Resolução CNE/CP nº 4/2024) preconizam que a atividade de estágio deve ser uma experiência colaborativa entre licenciandos e profissionais já formados. Como podemos observar neste primeiro quadro, o grupo de estudantes-estagiários destacou que experimentar a docência sob a supervisão de um professor já consolidado em seu agir foi importante para o desenvolvimento profissional, visto que estão em processo de “socialização profissional” (Nóvoa, 2017). Neste STT, destaca-se o



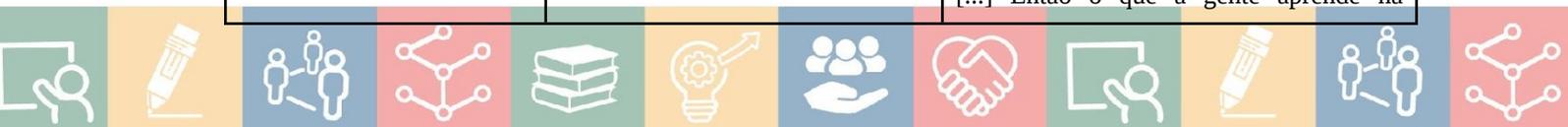
processo de aprender a se sentirem como professores, conforme a “interposição profissional” defendida por Nóvoa (2017). Isso evidencia que “não é possível formar professores sem a presença de outros professores” (Nóvoa, 2017, p. 1122), ou seja, poder compartilhar a vivência do estágio com o professor formador da educação básica permite que os estudantes se sintam seguros, principalmente quando essa é a primeira experiência deles em sala de aula. Além disso, percebemos as marcas da atividade linguageira ao destacar a interação e a colaboração entre professores experientes e estagiários em um processo de mediação formativa (Bronckart, 2006).

Dessa maneira, a socialização profissional e a mediação formativa deixam marcas para a estudante-estagiária 6, que fala que um professor mais experiente acompanhando-a e apoiando-a foi fundamental para que pudesse superar seu “pavor” e o “frio na barriga” para sua ação em sala de aula. No mesmo sentido, o estudante-estagiário 5 argumenta que, com o respaldo profissional, foi possível uma aprendizagem colaborativa na interação com os alunos, uma vez que o professor supervisor traz segurança diante de alguma dificuldade frente à sala de aula. Assim também, percebemos o suporte para imprevistos por parte do professor supervisor no relato da estudante-estagiária 8, ao trazer o problema com o texto fotocopiado.

Estes relatos deixam transparecer como a experiência compartilhada dentro do estágio supervisionado tem importância significativa para a formação inicial dos licenciandos, em especial, os do curso de Letras. A experiência compartilhada oportuniza superar os desafios, receber apoio e colaboração, interagir de forma mais segura com os alunos, ter respaldo em situações de dificuldades, suporte para imprevistos, aprendizagem colaborativa e “co-responsabilidade” (Nóvoa, 2017). Além disso, traz significações para compreender o papel da interação entre teoria e prática e o despertar da confiança para as vivências da escola, conforme veremos a seguir.

Quadro 2: Vivência na escola

SOT	STT	Trechos da sessão formativa
Estágio supervisionado e formação para a docência	Vivência na escola	“Eu acho que foi interessante para eu ver realmente a realidade, né, do que é uma sala de aula numa escola que às vezes não tem todas as estruturas que deveria ter, sabe? [...] existe uma diferença entre a prática e a teoria bem, bem grande na faculdade, né? É isso, a gente vai pra dentro da sala de aula, a gente tem problemas que não ensinaram, ninguém falou, e ainda tem a questão do conteúdo. [...] Então o que a gente aprende na



		<p>faculdade, a gente tem que aprender de alguma forma a enxugar aquilo ou a, sabe, aprende um objetivo de uma forma diferente, porque não é igual” (Estudante-estagiária 9).</p> <p>“eu dei no colégio acho que 6 ou 8 aulas, que é muito pouco ainda. Às vezes você pensa: ‘nossa 6 aulas’. Não acredito nesse negócio que eu tenho que fazer aqui, bolar um monte de coisas, espalhar conteúdo, quando vê isso acontecer, falta tempo. Como a gente não tá lecionando, né? Quando a gente pega, tava rolando um negócio. Agora, vou enfiar esse negócio de conto aqui no meio. [...] A gente tem só duas experiências de estágio, poderia ser mais, pelo menos, na minha concepção, pelo menos o dobro. Que aí, a gente tem uma noção melhor para ir para a sala de aula, melhor preparados, né?” (Estudante-estagiária 3).</p> <p>“Acho que o mais difícil, assim, na nossa experiência, pelo menos foi [...] a parte de, de fazer a aula acontecer da forma como a gente tava planejando, com alunos que não engajavam de maneira nenhuma, assim, nem de maneira positiva nenhuma de maneira negativa. Ficavam completamente indiferentes ao que tava acontecendo na sala de aula, sabe? Então eles ficavam em silêncio, ficavam no meio deles. Aí uma hora conversavam uma coisa, a gente pedia para parar de falar, eles paravam, mas não” (Estudante-estagiário 5).</p>
--	--	---

Sabemos que, para o ISD, a linguagem é uma atividade situada, inserida em um contexto social e histórico e provedora de desenvolvimento humano, portanto, a vivência na escola é um espaço onde os estudantes-estagiários têm a possibilidade de entrar em contato com uma visão macro da realidade escolar ao se relacionarem com a atividade languageira de um coletivo educacional. E, a partir daí, construir, cada qual, sua visão micro sobre o cotidiano escolar e sobre a sua ação languageira de se fazer docente.

Como Gatti (2010) nos aponta, é necessário que os cursos de formação inicial formem para a docência numa perspectiva mais integradora, articulando, assim, cada vez mais a teoria com a prática. Este apontamento também está disposto na Resolução CNE/CP (Brasil, 2015), ao presumir que a atividade de estágio deve estar intrinsecamente articulada com a prática e com as demais atividades acadêmicas. Com a mesma perspectiva, este texto prescrito, ou do



entorno precedente ao agir (Bronckart, 2008), complementa que o estágio deve oferecer muitas oportunidades para que gradualmente aconteça uma conexão entre os aspectos teóricos e as aplicações práticas, iniciando com observações para que posteriormente se desenvolva uma atuação direta com a sala de aula (Resolução CNE/CP nº 4/2024).

Nessa perspectiva, ao se encontrar com as condições reais das escolas e perceber que é necessário relacionar a teoria e a prática, a estagiária 9 articula, nas palavras de Nóvoa (2017), sua composição pedagógica, construindo uma maneira própria de ser professora. Para ela, a questão do conteúdo é uma dificuldade que ela terá que lidar ao participar desse percurso formativo, buscando um terceiro conhecimento (Nóvoa, 2017), que é tratar seu conhecimento teórico, integrando-o em situações de relação humana refletida e dando-lhe um sentido pedagógico. Este “terceiro conhecimento” também perpassa pelo comportamento dos alunos e suas reações involuntárias, pelo domínio do ritmo da sala e a compreensão da essência do ensino, o qual pode ser experienciado pelo estudante-estagiário 5 ao relatar sua dificuldade em engajar os alunos que não interagem com a temática da aula e se mantinham em silêncio. A partir dessa vivência, este pode começar a aprender seu tato pedagógico (Nóvoa, 2017).

A fala da estudante-estagiária 3 destaca sua dificuldade em conciliar seu planejamento com o tempo disponível para suas aulas, demonstrando que o trabalho docente é complexo, que demanda refletir sobre a prática e pesquisar para melhorar o ensino, firmando “a recomposição investigativa”, postulado por Nóvoa (2017). Ao perceber que seu planejamento foi extenso, ela pode se recompor e renovar seu planejamento para que este seja exequível dentro do limite de tempo da aula, o que demanda uma “reflexão profissional própria” (Nóvoa, 2017). Além disso, esta mesma estudante-estagiária sugere que poderiam ter mais possibilidades de estágios, indicando a necessidade de mais experiências práticas para a profissionalidade docente.

Desse modo, no segundo quadro, notamos como vivenciar o cotidiano escolar é importante para que os estudantes-estagiários se relacionem com o “chão da escola” para se preparem para a docência. As falas dos estudantes denunciam os desafios, a falta de estrutura, a dificuldade de relacionar teoria e prática, problemas com o engajamento dos alunos e a necessidade de mais experiências práticas. Contudo, são essas situações que anunciam possibilidades formativas para que estes estudantes-estagiários possam aprender a agir e a conhecer como professor, sendo também um marcador importante para sua trajetória profissional, como veremos em nosso último quadro.

Quadro 3: Estágio como divisor de águas na trajetória profissional



SOT	STT	Trechos da sessão formativa
Estágio supervisionado e formação para a docência	Estágio como divisor de águas na trajetória profissional	<p>“E eu falei para ele que na verdade o estágio ia ser o divisor de águas, se eu ia continuar na licenciatura ou não. Então, aí, eu acho que realmente você tem que estar na sala de aula, você tem que dar uma aula, porque realmente é divisor de águas [...] Então para mim eu ficava, será que eu quero isso? Eu não quero. Só que a experiência de realmente você tem que montar uma aula e você dar aula e eles perguntarem as coisas para você e você saber responder eles, é uma coisa assim, extremamente importante, que muda. Pelo menos, a minha cabeça mudou depois que eu tive a experiência. É difícil porque eu achei muito difícil. Mas é uma boa experiência” (Estudante-estagiária 8).</p> <p>“Um dia me deu um estalo assim quando tive que dar uma aula. Nossa! Acho que sou professor! (risos)” (Estudante-estagiário 5).</p> <p>“eu acho muito legal a docência, mas eu, hoje em dia eu percebo que a minha escolha pelo curso de Letras, foi mais por questões pessoais mesmo, o curso me ajudou a tirar muito, muitos traumas que eu tinha da escola, porque eu estudava numa escola estadual e eu saí de lá aterrorizada. Mas eu entendi que eu não tenho vontade de ser professora, não” (Estudante-estagiária 4).</p>

Neste quadro, o que se destaca é o estágio como momento decisivo na trajetória profissional, em que ocorrem questionamentos, dúvidas e/ou a confirmação pela docência. Nesse sentido, o estágio é a oportunidade para que se aprenda a ser professor, uma disposição inicial, conforme Nóvoa (2017), pois ele firma a ligação entre a formação e a profissão, o que “é central para construir programas coerentes de formação, mas é também central para o prestígio e para a renovação da profissão docente” (Nóvoa, 2022, p.64).

Como vimos, a estudante-estagiária 8 utiliza uma metáfora para expressar este momento importante de decisão profissional. Para ela, o estágio foi um “divisor de águas” em sua trajetória, pois ela pensava que não queria dar aulas e, após a experiência de estágio, pode confrontar esta questão e tomar a decisão de ser professora. O estudante-estagiário 5 revela sua autodescoberta ao se sentir um professor. Por outro lado, a estudante-estagiária 4 menciona que, apesar de gostar do curso de Letras, percebeu que não deseja exercer a profissão docente.

Essas declarações nos impulsionam a considerar que uma experiência de estágio efetiva e propulsora de um processo singular de conscientização está intrinsecamente relacionado a um amadurecimento dos licenciandos quanto às realidades escolares e às



atividades docentes (Gatti, 2014). Além disso, percebemos que os estagiários se aproximam efetivamente do trabalho docente, ampliando, assim, suas visões sobre o mesmo, afinal experienciam que este é um verdadeiro trabalho e que não se limita nos limites da sala de aula, como afirma Machado (2007), o que pode instigar a querer ou não a se desenvolver de forma plena com este trabalho.

Assim, percebemos neste STT que o estágio oportuniza autoconhecimento profissional, desconstrução de expectativas, reflexões sobre motivações e predisposições para a profissão e construção de identidade docente. Desse modo, esta etapa da formação inicial propicia reflexões sobre a carreira, consolidando a posição do professor como profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, baseada nos construtos teórico-metodológicos do ISD, trouxe produções languageiras, realizadas em uma sessão formativa, de estudantes-estagiários para refletir sobre o papel do estágio supervisionado na formação inicial de licenciandos do curso de Letras. Para categorizar e analisar os dados languageiros, utilizamos os segmentos de orientação temática (SOT) e os segmentos de tratamento temático (STT). Assim, a partir do do SOT “Estágio supervisionado e formação para a docência”, reconhecemos nas falas dos estudantes três STTs: “Experiência compartilhada”, “Vivência na escola” e “Estágio como divisor de águas na trajetória profissional”.

Em relação ao primeiro STT, percebemos que poder compartilhar a experiência da sala de aula com um professor experiente promove ao estagiário apoio e colaboração, facilitando a superação de desafios, pois oferece respaldo em momentos difíceis e imprevistos. Em relação ao STT “Vivência na escola”, é notório que, para os alunos em formação inicial, vivenciar o cotidiano escolar é importante para que eles aprendam a agir como professores, o que evidencia a importância formativa do estágio. Por fim, o último STT, “Estágio como divisor de águas na trajetória profissional”, mostra como, a partir da experiência no estágio, os estudantes conseguem refletir com mais clareza sobre seu futuro profissional e também começam a construir sua identidade docente.

Acreditamos e defendemos que a formação inicial de professores dialogue de forma próxima com o trabalho docente, pois “o lugar da formação é o lugar da profissão” (Nóvoa, 2022, p.64) e esta pesquisa nos revela como o estágio supervisionado tem um papel importante para o desenvolvimento profissional dos futuros professores, sendo um potencial formativo no curso de licenciatura em Letras. Este potencial formativo se revela nos desafios



da profissão docente experienciados em situações de estágio, mas também se destaca na valorização de uma formação docente crítica, reflexiva, contextualizada e comprometida com a transformação social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015. *Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada*. Diário Oficial da União, Brasília, 2 de julho de 2015.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer nº 2, de 9 de junho de 2015. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da educação básica*. Brasília, 2015.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 4 de 2024. *Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior dos Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados não licenciados e cursos de segunda licenciatura)*. Brasília, 2024.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer nº 4, de 12 de março de 2024. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior dos Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados não licenciados e cursos de segunda licenciatura)*. Brasília, 2024.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Tradução de Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

_____. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

BULEA, E. Um exemplo de pesquisa que focaliza a interpretação do agir em situação de trabalho. In: BULEA, Ecaterina. *Linguagem e efeitos desenvolvimentais da interpretação da atividade*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

GARCIA-REIS, A. R. A concepção do trabalho docente em documentos prescritivos. *Reflexão e Ação*, v. 28, p. 89-103, 2020.

GARCIA-REIS, A. R.; CALLIAN, G. R. O estatuto do trabalho docente no currículo referência de Minas Gerais. *Revista Brasileira de Educação*, v. 26, p. 1-24, 2021.

GARCIA-REIS, A. R.; SILVA, A. B. C.; COSTA, M. F. Linguagem e interação como dimensões constitutivas do trabalho docente. *Reflexão e Ação*, v. 32, p. 05-20, 2024.



GATTI, B. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, dez. 2010.

GATTI, B. A formação inicial de professores para a Educação Básica: as licenciaturas. *Revista USP*, São Paulo, n. 100, p. 33-46, dez/jan/fev 2013-2014.

MACHADO, A. R. Por uma concepção ampliada do trabalho do professor. In.: GUIMARÃES, A. M. M.; MACHADO, A. R. e COUTINHO, A. (orgs.) *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. Capítulo 5, p. 77 – 97.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017.

NÓVOA, A. *Escolas e professores: proteger, transformar e valorizar*. Salvador: SEC/IAT, 2022.

